



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE JORNALISMO**

MATEUS BEZERRA ARAÚJO

**ROTINAS PRODUTIVAS NO TELEJORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL:
Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense**

**CAMPINA GRANDE
2019**

MATEUS BEZERRA ARAÚJO

**ROTINAS PRODUTIVAS NO TELEJORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL:
Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social da Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, como requisito parcial para obtenção
do título em Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Telejornalismo.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R663r Araújo, Mateus Bezerra.
Rotinas produtivas no telejornalismo pós-industrial
[manuscrito] : tecnologias e dinâmicas no contexto
Campinense / Mateus Bezerra Araujo. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira
Lima, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."
1. Telejornalismo. 2. Rotinas produtivas. 3. Pós-Fordismo.
4. Trabalho. I. Título

21. ed. CDD 070.4

MATEUS BEZERRA ARAÚJO

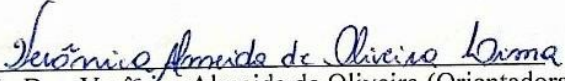
**ROTINAS PRODUTIVAS NO TELEJORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL:
Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social da Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, como requisito parcial para obtenção
do título em Bacharel em Jornalismo.

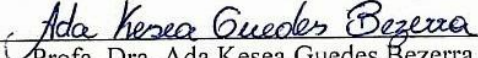
Área de concentração: Telejornalismo.

Aprovado em: 06/12/2019.

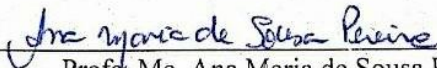
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Ana Maria de Sousa Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: EVOLUÇÕES DO JORNALISMO E DO CAPITALISMO.....	05
2 DA PRODUÇÃO ANALÓGICA PARA A DIGITAL: AS CONSEQUÊNCIAS DA DIGITALIZAÇÃO DAS REDAÇÕES.....	06
3 NOVAS ROTINAS PRODUTIVAS E AS CONTRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS...12	
4 MATERIAIS E MÉTODOS: OS FIOS QUE LIGAM O ANALÓGICO AO DIGITAL.....	15
4.1 RELATOS QUE CONTAM.....	05
4.2 AGENTES DO TELEJORNALISMO: OLHARES E CONTRIBUIÇÕES.....	16
5 CONSIDERAÇÕES: CAMINHOS PERCORRIDOS E VINDOUROS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22
APÊNDICES.....	26

ROTINAS PRODUTIVAS NO TELEJORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL: Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense

Mateus Bezerra Araújo¹

RESUMO

Este trabalho teve por finalidade identificar as principais transformações ocorridas no trabalho do jornalista da inserção do computador e da internet nas redações e como esta característica se manifesta nas rotinas de trabalho e no perfil do trabalhador em Campina Grande. Partimos do entendimento de que o jornalismo, enquanto organização, está intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo. Nossa pesquisa, que toma como metodologia a História Oral, dá ênfase as experiências vivenciadas por cinco jornalistas entrevistados, buscando identificar as principais transformações pelas quais passaram a partir da introdução de tais tecnologias em suas rotinas de trabalho. Como aporte teórico tomamos como norte estudiosos como Harvey (1992), Ekbia (2014), Sennett (2009), Antunes (2018) e Barbosa Júnior (2019). Como resultados, identificamos a figura de um profissional multifacetado, capaz de executar com aptidão as mais diversas funções, desde a elaboração de pautas, até a edição e finalização de vídeos, passando a exercer um sistema de rotatividade de tarefas, em uma rotina produtiva ainda mais acelerada onde os jornalistas se submetem, muitas vezes, a condições de precarização de trabalho, em busca de cumprir a demanda exigida pela empresa, o que pode levar ao desgaste físico e emocional, além da queda na qualidade do conteúdo que está sendo produzido.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo. Rotinas Produtivas. Pós-Fordismo. Trabalho.

ABSTRACT

This work has by finality to identify the main transformations occurred in journalist's job front of insertion of the computer and internet on press rooms and how this characteristic is manifested in job routines and in worker profile in Campina Grande. We left from the understanding that the Journalism, while an organization, is deeply connected to capitalism development. Our research, that takes as methodology the Oral History, gives emphasis to the experiences lived for five journalists interviewed people, searching for identify the main transformations by which they passed since the introduction of these technologies in their work routines. As theoretical contributions we took as way scholars as Harvey (1992), Ekbia (2014), Sennett (2009), Antunes (2018) and Barbosa Júnior (2019). As results, we identify the figure of a multifaceted professional, able to executate with ability the most diverse functions, since the elaboration of schedules until the edition and finalization of videos, passing to exercise a system of turnover of tasks, in a productive routine further accelerated in which the journalists submit themselves, many times, to conditions of precariousness of work, searching for comply with the required demain by the company, what can lead to physical and emotional wear, beyond of the fall in the quality of the content that is being produced.

KEYWORDS: Telejournalism. Productive Routines. Post-Fordism. Work.

¹Aluno de Graduação em Comunicação Social com Habilitação em jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: araujomateus091@gmail.com

1 INTRODUÇÃO: EVOLUÇÕES DO JORNALISMO E DO CAPITALISMO

Como acontece desde os primórdios, o homem vive numa evolução constante em suas formas de comunicação. Mas é só com o desenvolvimento da imprensa, no século XVIII, que surgem os profissionais especializados para a comunicação social, ou seja, os jornalistas, e equipamentos são criados para agilizar e propagar a informação na sociedade. A partir de então, a história do jornalismo e dos jornalistas parece estar atrelada ao desenvolvimento de técnicas que constantemente inserem mudanças nas rotinas profissionais da categoria.

Alguns estudiosos estabelecem uma relação muito próxima entre o desenvolvimento da imprensa e a evolução das condições materiais do país. Sodré (1983, p. 1) afirma que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. Medina (1978), a partir de estudos de Fernando Henrique Cardoso sobre o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, identifica três subfases do jornalismo noticioso: 1ª fase – marcada pela substituição das importações, dos anos 1950 até 1962, quando o modelo norte-americano se torna referência para a imprensa nacional; 2ª fase – marcada pela implantação de indústrias de bens de consumo duráveis, diversificação da produção industrial e entrada significativa de investimentos estrangeiros, período esse também marcado pela decadência dos Diários Associados e a ascensão dos conglomerados de comunicação; 3ª fase – caracterizada pela dinamização econômica, exportação de produtos semimanufaturados e de alguns produtos industrializados, exportação de produtos culturais de consumo popular como novelas, minisséries e documentários; esse período também é marcado pela chegada da Internet.

Vizeu (2002, p.39) reforça as afirmações acima ao entender que a relação entre o desenvolvimento do capitalismo e a evolução do jornalismo se dá a partir de transformações que se estabelecem com o incremento técnico da imprensa. Para ele o jornalismo, como conhecemos hoje no mundo ocidental, tem suas origens intimamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo.

A implicação dessas mudanças sobre a atividade jornalística parece aniquilar o papel histórico até então desenvolvido por este profissional para dar lugar às contingências impostas por uma organização institucional subordinada às regras e à lógica do desenvolvimento capitalista.

Diante do evidenciado, nossa proposta justifica-se como uma tentativa ousada de compreender o papel social do jornalista diante de um mundo que agora se mostra diferente daquele que se tinha até pouco tempo atrás. Este profissional viu sua identidade, seu papel e até sua profissão mudarem, acrescentando demandas, colocando de lado certos conhecimentos e o obrigando a buscar outras especialidades para se manter no mercado de trabalho. Desta forma, um novo profissional parece ter sido criado, com uma nova visão de mundo, com uma identidade mais fluida, com campo cognitivo aguçado, tendo ainda que lidar diretamente com os reflexos de uma sociedade globalizada, regionalizada e com uma comunicação agora horizontal.

Assim sendo, o objetivo do presente artigo é identificar as principais transformações ocorridas no trabalho do jornalista diante da digitalização nas organizações jornalísticas e como esta característica se manifesta nas rotinas de trabalho e no perfil do trabalhador. Considerando o exposto até agora tomamos por base o âmbito local para, a partir disso, analisar como os profissionais das redações de televisão em Campina Grande, mais precisamente da TV Paraíba e TV Borborema, emissoras que passaram pelo processo de transição da redação analógica para a digitalizada, adaptaram-se e/ou ainda buscam se adaptar às transformações tecnológicas que nos últimos anos vem se expandido devido a pressão da lógica capitalista.

Esse segmento de trabalhador presente na atualidade sofre as consequências da informatização e da flexibilização das relações de trabalho. Assim, é trazendo uma visão

transdisciplinar que este trabalho se propõe a nos levar ao trato do nosso problema, que se apresenta da seguinte forma: Quais as transformações trazidas pela introdução do computador e da internet nas rotinas de trabalho do jornalista de televisão que atua na cidade de Campina Grande/PB?

Este trabalho se configura como um desdobramento do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) da UEPB intitulado “Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional”, orientado pela professora doutora Verônica Almeida de Oliveira Lima. O projeto iniciado em 2017 contou com o pesquisador, Mateus Bezerra Araújo, como bolsista desde o seu início, além da participação de Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo, também graduandas em Jornalismo e que contribuíram integralmente para a realização desta pesquisa.

Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica para buscar compreender a história do telejornalismo, mais especificamente, em Campina Grande, assim como adentrar nos estudos da Sociologia do Trabalho, Teoria do Jornalismo e Economia Política da Comunicação. A partir disso, realizamos entrevistas semiestruturadas e em profundidade com profissionais que viveram a transição da redação analógica para a digital, onde, a partir dos depoimentos desses sujeitos, (re) construímos a história de tal evento, tomando como método a história oral, criando possibilidades de manifestação, a partir daqueles que, muitas vezes, ficam a margem da história.

Explicitadas as motivações, optou-se por dividir o artigo em três seções, sendo as duas primeiras de discussão teórica e a última de resultados. A primeira seção *Da produção analógica para a digital: as consequências da digitalização das redações*, traz uma breve contextualização da chegada do telejornalismo ao Brasil, e como, aos poucos, as mudanças nas rotinas de trabalho foram se estabelecendo, impactando a estrutura que envolve do maquinário até o pessoal, utilizando para isso as definições de Maior (2017), Castells (2003), Baldessar (2008), entre outros. A seção dois nomeada *Novas rotinas produtivas e as contradições tecnológicas*, traz ao debate as consequências das novas rotinas produtivas, apresentando novos conceitos teóricos que surgiram paralelamente a essas transformações, para isso, alguns dos autores utilizados nesta proposta são Ekbia (2014), Sennett (2009), Antunes (2018), Barbosa Júnior (2019) e Dean (2009). A terceira e última seção *Materiais e método: os fios que ligam o analógico ao digital* contempla a análise das entrevistas coletadas e as discussões ocorridas durante todo o trabalho onde buscou-se delinear como se dão as novas rotinas produtivas dos jornalistas e como isso impacta o seu perfil profissional.

2 DA PRODUÇÃO ANALÓGICA PARA A DIGITAL: AS CONSEQUÊNCIAS DA DIGITALIZAÇÃO DAS REDAÇÕES

Segundo Maior (2017, p. 24), oficialmente, a data que marca a inauguração da primeira emissora de televisão no país é 18 de setembro de 1950. Trata-se da PRF - 3 TV Difusora, mais tarde chamada TV Tupi, de São Paulo, a pioneira da América Latina, instalada pelo empresário e político paraibano, Francisco de Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários e Emissoras Associados. O empresário, se dispôs a trazer técnicos da *RCA - America Radio Corporation* - e implantar a televisão no Brasil, no panorama da fase final da chamada “era de ouro do rádio brasileiro”².

A chegada da TV na Paraíba, começou pela cidade de Campina Grande, Assis Chateaubriand escolheu esse município após inaugurar oito estações de televisão em outras

² No Brasil, o rádio atingiu seu apogeu em 1930, como principal veículo de comunicação em massa, na mesma época em que o país era governado por Getúlio Vargas. Nesse período, iniciou-se a chamada “Era de Ouro do Rádio”, quando ele se popularizou e tornou-se um meio de entretenimento. A “Época de Ouro” durou apenas alguns anos, o rádio começou a viver momentos de muita dificuldade, com a inauguração da primeira televisão do país.

localidades do país³. A partir daí técnicos foram enviados para observar e escolher o melhor lugar para a instalação dos equipamentos. Em 1961 aconteceu a inauguração da antena de televisão da chamada TV Borborema. Os equipamentos foram doados pela TV Tupi de São Paulo. O Edifício Rique, localizado na Rua Venâncio Neiva, 287 - Centro, foi o local escolhido para instalar todos os equipamentos, redação etc. Em sua pesquisa sobre a história da televisão na Paraíba, Maior (2017, p.47), explica como ocorreu a primeira transmissão da emissora:

Finalmente a TV Borborema entra no ar, experimentalmente, em 15 de setembro de 1963, se utilizando do Canal 3 e depois Canal 4, com a produção dos primeiros programas, elaborados por gente de rádio, com apoio de produtores das Tevês Tupi de São Paulo e Rio, também oriundos da radiofonia (muito lógico, pois não havia televisão), mas, já com certo conhecimento da nova mídia, desde 1950.

A TV Borborema também foi a primeira do interior do Nordeste. No início retransmitia o sinal da TV Tupi, quando a Tupi saiu do ar, passou a retransmitir o sinal da Rede Globo. A TV Paraíba foi a segunda emissora a chegar na cidade, no dia 19 de março de 1984 aconteceu “a lavratura do contrato de constituição de uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, denominada Televisão Paraíba LTDA, com sede, provisoriamente, na Rua Simeão Leal, 52, 1º andar, Centro da cidade” (MAIOR, 2017, p. 139). O fundador da TV Paraíba é o empresário José Carlos da Silva Júnior, presidente da Rede Paraíba de Comunicação e do Grupo São Braz. O edifício-sede da TV Paraíba localiza-se atualmente no bairro da Palmeira, Rua 15 de Novembro, nº 2000. A primeira programação foi ao ar no dia primeiro de janeiro de 1987.

Com o passar dos anos, as emissoras de televisão campinenses foram consolidando-se enquanto empresas gerando emprego e renda, e com as redações jornalísticas contemplando a clara divisão de tarefas e funções entre os jornalistas. Para Fonseca (2005), o desenvolvimento da indústria jornalística brasileira acompanha as transformações capitalistas, uma vez que o processo de industrialização provoca alterações no sistema produtivo e um salto tecnológico amplia a capacidade produtiva. É assim que o jornalismo, agora em escala industrial, se consolida como negócio no Brasil.

As rotinas produtivas nas redações de telejornalismo no final do século XX, são marcadas por fatores sócio organizacionais, que têm nas tecnologias analógicas a sua base. Neste sentido, tais processos foram, ao mesmo tempo, dependentes da capacidade cognitiva do jornalista, da sua cultura profissional, da própria organização do trabalho e dos processos produtivos. Desta forma, a introdução de tecnologias em tal lógica tende a reconfigurar práticas, formas de organização, exercício do trabalho e o próprio perfil do jornalista e do jornalismo.

De acordo com Martins e Luca (2006), o desenvolvimento técnico e organizacional da imprensa vai acompanhar, ao longo dos anos, os avanços e os recuos da ordem capitalista nos demais setores da economia nacional. Como consequência, Castells (2003, p.266) vai afirmar que em “qualquer processo de transição histórica, uma das expressões de mudança sistêmica mais direta é a transformação da estrutura ocupacional, ou seja, das categorias profissionais e do emprego”.

O trabalho jornalístico é marcado por diversas mudanças, desde a organização e divisão das tarefas, até seus meios de realização. O telégrafo era o principal meio de aproximação com os fatos que ocorriam, era um recurso de transmissão à distância, que facilitava a cobertura de eventos que poderiam ocorrer. O telégrafo surgiu na primeira metade do século XIX e as transmissões experimentais do telefone, no final do mesmo século. A

³ Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, São Luiz, Belém e Goiânia.

chamada “revolução nas comunicações”, criou novos hábitos nas práticas profissionais, nas relações comerciais e no cotidiano social.

A busca pela melhor produtividade, auxiliou a introdução de inovações tecnológicas. Outrora, o telefone era o principal recurso para apuração e aceleração do processo de produção das notícias, com a chegada do computador, o telefone ficou em segundo plano.

No decorrer das décadas estabeleceram-se diversos padrões e institucionalização de algumas práticas na atividade jornalística, seja no desenvolvimento de técnicas, seja na aplicação de inovações, como o telégrafo e o telefone, como já citados, e ainda a linotipo e a máquina de escrever, símbolo da geração analógica de se fazer jornalismo.

A revolução tecnológica promoveu o desenvolvimento das tecnologias de transmissão de informações, proporcionando aos repórteres e editores, novas possibilidades no telejornalismo, capacidades e desafios para a atualização dos jornais. Segundo Pavlik (2000), a forma como os jornalistas fazem o seu trabalho e a natureza do conteúdo das notícias foi alterada, como também houve modificação na estrutura e na organização da redação e da indústria noticiosa e a natureza das relações entre as organizações noticiosas e os seus variados públicos.

Pereira (2014), fala que no ano de 1957 chegou ao Brasil o primeiro computador, o Univac-120, comprado pelo Governo do Estado de São Paulo. Em 1972 foi construído, no Laboratório de Sistemas Digitais da USP, o primeiro computador no Brasil, o “Patinho Feio.” Anos depois, já na década de 1980, o mercado brasileiro recebeu o primeiro computador totalmente pensado e produzido no Brasil, o Cobra 530. A partir daí a revolução da informática começou a ganhar cada vez mais força dentro do mercado e da sociedade. O computador que antes só quem possuía eram grandes empresas, universidades, centros de pesquisa, passou a ser uma realidade cada vez mais próxima do cotidiano dos brasileiros.

De acordo com Resende (2019):

No estado da Paraíba, o computador chegou em 1967, sendo o primeiro da região Nordeste. O IBM 1130 foi adquirido pela Escola Politécnica da Paraíba, localizada na cidade de Campina Grande. Já a internet só chegou ao Brasil no final da década de 1980, no Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), localizado no Rio de Janeiro. Na Paraíba a primeira conexão aconteceu no ano de 1989, no Departamento de Física da UFPB, Universidade Federal da Paraíba, atual UFCG, Universidade Federal de Campina Grande.

Quando o computador chegou às primeiras redações jornalísticas do Brasil, na década de 1980, iniciou-se uma grande mudança no processo produtivo da notícia, matéria-prima do jornalismo. Segundo Baldessar (2008), os jornalistas tiveram que se adaptar a uma nova realidade profissional, com a exigência de maior qualificação, a especialização crescente dos ofícios e as modificações nas condições de trabalho. Foram instalados novos modos de produzir conteúdo e novas rotinas de trabalho.

Houve um processo de digitalização das redações, com o avanço cada vez maior da tecnologia, os antigos sistemas e ferramentas de produção deram espaço a equipamentos cada vez mais modernos e sofisticados. Ainda que inicialmente os computadores servissem apenas para substituir a máquina de escrever, pois ainda não tinham conexão com internet, eles tornaram-se fundamentais. Silva (2013, p.10) ressalta:

No entanto, passando esse momento inicial em que os computadores apenas substituíram as máquinas de escrever, a informatização das redações evoluiu juntamente com o desenvolvimento da informática, aos poucos o novo foi se incorporando de tal maneira ao cotidiano da profissão que o equipamento passou a exercer novas funções, contribuindo no trabalho de editor e sendo utilizado como arquivo pessoal, isso causou mudanças profundas no cotidiano dos jornalistas. A

introdução dos computadores passou a ser caracterizada como um divisor de águas na prática jornalística.

Os sistemas e equipamentos utilizados antes da implantação dos computadores e do início do processo de digitalização, eram extremamente limitados no quesito de agilidade na produção e posterior edição das matérias, as ferramentas disponíveis na época eram a máquina de escrever, o telefone fixo, e câmeras pesadas e robustas que dificultavam a locomoção do repórter, hoje esses equipamentos deram espaço aos computadores, celulares e câmeras de última geração. Já a internet foi implantada nas redações nos anos 2000. Foi o ápice de mudanças e transformações nas práticas produtivas da televisão. Uma reconfiguração das linguagens e do cenário do jornalismo televisivo, que, com o passar do tempo, fez surgir avançados e modernos *softwares* de edição.

Os novos *softwares* de edição possibilitaram um maior e melhor tratamento da imagem e ela chega ao público com uma qualidade extremamente superior do que a que chegava há décadas atrás. Diferente da edição linear analógica, na edição não linear digital as possibilidades de manipulação da imagem e construção das narrativas a partir das estratégias de edição, são inúmeras. Mas as mudanças não se restringem aos aspectos tecnológicos, apenas à maneira como as imagens são veiculadas, o processo de digitalização engloba diversos outros fatores no seu processo – processo esse que perdura até hoje.

As modificações deram-se também no quesito organizacional e estrutural as redações ao longo dos anos. O espaço deixou de ser dividido de acordo com a tarefa realizada por cada profissional ou pela editoria da qual ele fazia parte, os profissionais começaram a se integrar mais entre si e perpassarem pelas mais diversas funções.

E na medida em que o modo de produção é modificado, surgem novas formas de consumo e distribuição. Uma das mudanças que enxergamos nos dias de hoje é que, em alguns casos, as redações de televisão também englobam uma equipe que trabalha exclusivamente a parte de internet e redes sociais, que administra os portais e faz contato direto com o público. Os meios tradicionais, em especial a televisão, depois de passar por todos os processos de transformações tecnológicas, hoje têm que dialogar com as novas mídias e evoluir com elas. Em entrevista cedida a Revista do Instituto Humanitas Unisinos, o pesquisador Ramón Salaverría fala sobre o tema:

Penso que muitos meios que vêm de uma trajetória ou tradição analógica, e que estão acostumados com um tipo de edição e de relacionamento com a audiência muito determinadas, têm muito a aprender com os meios nativos digitais – os quais são muito mais ágeis e adaptativos à mudança das formas de acesso e de consumo informativo dos usuários na internet. As redes sociais e os meios nativos digitais nos mostram que há formas de apresentar e distribuir a informação que permite multiplicar a influência, o acesso e a importância dessas notícias. Parece-me que o grande desafio, para os meios tradicionais, é tratar de manter seu prestígio informativo e suas características de fonte principal de informação e, ao mesmo tempo, adaptar-se a modelos muito mais apropriados as formas de consumir a informação por parte dos usuários da internet (COSTA, 2014, p.12).

Por outro lado, a profundidade das transformações que vêm ocorrendo na sociedade desde o final do século XX fez emergir, segundo Manuel Castells (2000) uma sociedade em rede. Esta fase, para ele, representa um dos raros momentos da história, que começou a se configurar a partir do surgimento de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e da reestruturação do capitalismo mundial.

E são justamente as TICs e o pós-fordismo que vão desencadear mudanças profundas tanto na organização social de forma geral, como nas rotinas de trabalho e de trabalhadores. Essas mudanças estão sendo firmadas em um quadro global, uma vez que desde a década de 1990 os conglomerados de comunicação mundial passaram a enfrentar

processos de reestruturação, deixando de se reportar a mercados internos para se dirigir a um mercado capitalista global. A partir dessa conjuntura, começa a ganhar contorno um novo desenho de institucionalização das mídias em geral. Entra-se na era das fusões, de concentração de propriedade e capital. Assim, a reestruturação das empresas de comunicação está sendo construída dentro da tensão entre o global e o local. Ou seja, apesar dessa força exterior que surge pela emergência do global, essas mesmas empresas enfrentam questões que dizem respeito a rotinas, perfil organizacional e profissionais que estão dentro de outra realidade, local, particular, próprias dos contextos em que estão inseridos.

Assim, discussões em torno de temáticas que envolvem a sociologia do trabalho, globalização, sociedade informacional, paradigma produtivo, relações de trabalho etc., têm muito a contribuir para o entendimento do momento em que se encontra o trabalho do jornalista. Trata-se de um segmento de trabalhador que, como tal, sofre as consequências da informatização e da flexibilização das relações de trabalho.

A década de 1970 marca a transição do regime fordista de acumulação para o que alguns autores definem como regime flexível de acumulação, ou pós-fordista. Harvey (1992) aponta o ano de 1973 como o marco do processo de transição nos países capitalistas avançados. O novo ciclo seria decorrência do esgotamento da capacidade de resposta do fordismo-keynesiano à crise da superacumulação do final dos anos 1960.

Assim, com a decadência do regime fordista, que teve como marca principal a rigidez do sistema produtivo, emerge o que Harvey (1992) chama de “acumulação flexível”. Para o autor, esse novo regime se apoia na flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões do consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, altos graus de inovação comercial, tecnológica e organizacional. Essa nova ressignificação do capitalismo também está marcada pelo movimento de compressão espaço-temporal onde os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variado. (HARVEY, 1992).

Aos poucos, os alicerces do fordismo foram sendo corroídos com a mudança na estrutura do regime de acumulação que também tem reflexos no paradigma industrial de organização do trabalho. José Ricardo Ramalho e Marco Aurélio Santana (2004), apontam as principais transformações na esfera produtiva no mundo do trabalho contemporâneo afirmando que o novo cenário é constituído da seguinte forma: unidades produtivas de grande porte cada vez mais enxutas e crescente em produtividade; trabalhadores polivalentes/flexíveis, que de posse de ferramentas flexíveis, tem como resultado de seu trabalho um produto flexível; ascensão dos subcontratos, com trabalhadores fora do “foco” principal da empresa sendo terceirizados; aumento da precarização nos contratos de trabalho e diminuição na sindicalização. Para Harvey (1992), a acumulação flexível parece implicar níveis relativamente altos de desemprego “estrutural” (em oposição a “friccional”), rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos (quando há) de salários reais e o retrocesso do poder sindical - uma das colunas políticas do regime fordista.

Tais mudanças acarretaram também o aumento dos casos de terceirização do trabalho jornalístico. A terceirização começa a tomar maiores dimensões a partir do final dos anos 1980 e início de 1990, em função da crise e estabilidade econômica e das mudanças institucionais, estruturais e conjunturais ocorridas, visando o controle da inflação e o equilíbrio das contas públicas. As medidas adotadas passaram pela abertura comercial e financeira, bem como, pelas reformas fiscal, monetária, cambial, trabalhista, dentre outras. Para Alves e Assis (2015), a terceirização é o processo pelo qual uma empresa deixa de executar uma ou mais atividades, sejam atividades fins (o propósito central da empresa),

sejam atividades meios (limpeza, vigilância etc.), que antes eram realizadas por trabalhadores contratados diretamente por ela, e que são transferidas para uma ou mais empresas.

Antunes (2018, p.172), apresenta sua análise sobre o processo de terceirização com as seguintes palavras:

A terceirização vem se conformando como um dos principais instrumentos, nos mais diversos ramos e setores produtivos, para incrementar a acumulação flexível que se desenvolve com a desconcentração produtiva das redes de subcontratação (empresas terceirizadas), do trabalho em equipe, da flexibilidade salarial, das “células de produção”, dos ‘times de trabalho”, dos grupos “semiautônomos”, além de exercitar, ao menos no plano discursivo, o “envolvimento participativo” dos trabalhadores e das trabalhadoras. O “trabalho polivalente”, “multifuncional”, “qualificado”, combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas, inclusive nas terceirizadas, tem como finalidade reduzir o tempo de produção e de circulação do capital, ampliando assim a intensidade e, conseqüentemente, a exploração.

O sociólogo acredita que a terceirização se tornou, então, o novo elixir da vida empresarial. Atingindo praticamente todos os setores e ramos produtivos e de serviços, as empresas globais – respaldadas pelos governos – alegam ter de aumentar sua produtividade e competitividade, o que só pode ser feito por meio da corrosão das condições e dos direitos do trabalho. Como é cada vez mais difícil competir com os padrões chineses e indianos de superexploração do trabalho, até a Europa caminha celeremente para o desmonte do chamado Estado de bem-estar social. Para ele, o trabalho tinha uma conformação mais coisificada e reificada, mais maquinal, mas, em contrapartida, era provido de direitos e de regulamentação, ao menos para seus polos mais qualificados.

É importante falar que todas essas mudanças ocorreram e ocorrem de forma paulatina em um processo dinâmico em que os humanos, estrategicamente, são inseridos nos sistemas tecnológicos para operá-los e fazerem funcioná-los da forma ideal, assim às tecnologias de informação vêm passando por transformações e, em alguns casos, diminuindo a intervenção do homem, desse modo, maximizando o processo de automação e diminuindo os custos. Por essa relação tão próxima com o homem, a força do trabalho do humano torna-se cada vez menor. A partir disso as máquinas passam a ser vistas como vilãs.

Dentro dessa discussão, Ekbia (2014) apresenta o conceito de *heteromação*, que seria o oposto de automação, ou seja, enquanto a automação visa colocar os humanos fora desse processo produtivo, a *heteromação* objetiva mantê-los nessa execução. Assim, uma total automação seria inviável dentro do nosso sistema capitalista, uma vez que os homens estão sempre inclusos como consumidores de produtos ou produtores de valor.

Ekbia (2014), em seu estudo ainda relata que uma característica essencial da *heteromação* é que alguém (normalmente uma empresa) se beneficia do trabalho de outras pessoas. Em outras palavras, ele diz que os humanos estão fazendo muito do trabalho, enquanto as máquinas recebem o crédito.

Como sabemos, o jornalismo é uma atividade que exige demasiado grau de criatividade do profissional para que as funções referentes a profissão sejam executadas de acordo com a forma pretendida. A cada dia uma nova ferramenta e/ou uma tecnologia inovadora surgem no mercado para revolucionar a forma como executamos determinada atividade. A própria tecnologia, e as facilidades derivadas dela, são frutos da criatividade humana. Por mais que busquemos as tecnologias mais incríveis, ainda assim é o homem que as inventa, as cria, ou seja, todo potencial de sua criação está no homem.

Dentro desse cenário o jornalismo apresenta-se como uma profissão que está em constante mudança e adaptação. Os novos equipamentos e ferramentas trazem alterações significativas, no caso da internet alguns pontos precisam ser tratados com maior cautela, como a checagem da veracidade dos fatos, já que na rede há uma quantidade enorme de

informações que podem ser postadas por qualquer pessoa. Todo esse processo exige do jornalista uma versatilidade cada vez maior para lidar com esses avanços e saber administrar esses novos modelos. Esses cenários também colaboraram para uma nova configuração dos espaços físicos nas redações jornalísticas, e uma nova lógica de produção que necessita cada vez mais do auxílio do público para geração de conteúdo, além disso, o profissional jornalista contemporâneo, em algumas situações, se submete a uma carga extra de trabalho visando cumprir a demanda exigida por determinada empresa.

3 NOVAS ROTINAS PRODUTIVAS E AS CONTRADIÇÕES TECNOLÓGICAS

Foi a partir dos anos de 1990, como já citado no capítulo anterior na fala de Alves e Assis (2015), quando a Internet já fazia parte das mudanças trazidas pelo capitalismo na reestruturação produtiva no mundo do trabalho, que diversas mudanças impactaram as relações de trabalho do jornalista, influenciando, inclusive, na diminuição dos contratos com registro em carteira, e com isso permitindo o fortalecimento da terceirização dos contratos de trabalho por tempo determinado.

Segundo Antunes (2018, p.36), “na empresa ‘moderna’, o trabalho que os capitais exigem é aquele mais flexível possível: sem jornadas pré-determinadas, sem espaço laboral definido, sem remuneração fixa, sem direitos, nem mesmo o de organização sindical”. O sociólogo ainda diz:

É por isso que, nesse mundo do trabalho digital e flexível, o dicionário empresarial não para de “inovar”, em especial no setor de serviços. “Pejotização” em todas as profissões, com médicos, advogados, professores, bancários, eletricitas, trabalhadoras e trabalhadores do care (cuidadores) e “frilas fixos”, freelancers que se tornam permanentes, mas que têm seus direitos burlados e se escondem nas redações dos jornais quando as empresas sofrem as auditorias do trabalho. Ou ainda o chamado teletrabalho e/ou home office, que se utiliza de outros espaços fora da empresa, como o ambiente doméstico, para realizar suas atividades laborativas (ANTUNES, 2018, p.37).

Esse fenômeno se constituiu dentro de um contexto mais macro denominado *gig economy* ou uberização do trabalho. Para Barbosa Júnior (2019) a *gig economy* é uma relação que possibilita o contato direto entre pessoas e empresas localizadas em qualquer lugar do mundo sem (supostamente) formação de vínculo formal de emprego. No caso, basta o uso de plataformas on-line ou aplicações digitais para que ocorra esta relação.

Seguindo essa lógica que se alastra ao redor do mundo, o que pode ser notado é o crescimento da *gig economy*, a uberização do trabalho que se tornou uma fórmula da sociedade capitalista. Além do que já foi exposto, outras questões entram em discussão como o trabalho on-line e o fim da separação entre o tempo de vida no trabalho e fora dele.

A transição tecnológica na TV fez com que as fronteiras entre os setores de jornalismo e operações técnicas se dissolvessem. Desse modo, os profissionais aptos a lidar com câmeras e computadores passaram a ser mais solicitados pelas emissoras nesse novo processo televisivo.

De acordo com Fonseca (2008), para o jornalismo, essas mudanças significaram acúmulo de tarefas, extinção de cargos e funções, estabelecimento de metas de produtividade e alto investimento em tecnologia e softwares, que representavam automatização de tarefas, tornando-as mais ágeis e rápidas, de forma a permitir que, no mesmo período de trabalho, um mesmo profissional assumia outras atribuições.

O acúmulo de funções, a fusão e até a supressão de algumas etapas no processo de produção jornalística, por constituírem “retrabalho”, ocorrem visando a uma maior produtividade, o que é coerente com a lógica capitalista de acumulação. Tal conjuntura é apresentada por Sennett (2009, p.56) como *reengenharia*, pois se constituem como técnicas

específicas para reinventar instituições que buscam enfrentar momentos de crise. O autor explica que:

Os autores, Michael Hammer e James Champy, defendem a reengenharia organizacional da acusação de ser uma mera cobertura para a demissão de pessoas, afirmando que "reduzir e reestruturar significam apenas fazer menos com menos. Reengenharia, em contraste, significa fazer mais com menos. Essa declaração sugere eficiência— a própria palavra "reengenharia" invoca uma operação mais compacta, conseguida graças a um decisivo rompimento com o passado. Mas a sugestão de eficiência é enganadora. A mudança irreversível se dá precisamente porque a reengenharia pode ser um processo altamente caótico.

Retomando as discussões sobre avanços tecnológicos, aqui, lembramos que os microcomputadores entraram em cena substituindo a máquina de escrever. Em meio a isso, houveram cortes de custos com pessoal e equipamentos, gerando ganho financeiro aos patrões. Muitos trabalhadores acabaram perdendo o emprego por resistir às mudanças impostas. O papel de mediador do jornalista passa a ser ameaçado por causa da sobrecarga de atividades que acabam comprometendo a qualidade da informação que chega aos telespectadores.

Essa sobrecarga de atividades traz para a discussão um novo conceito, o de *infoproletariado*, que segundo Antunes (2018, p.174) “é o sistema em que o trabalhador em qualquer atividade que ele desempenha ele depende da máquina digital, informacional, do smartphone ou de alguma modalidade de trabalho digital”, e complementa:

Parece exprimir muito mais uma nova condição de assalariamento no setor de serviços, um novo segmento do proletariado da indústria de serviços, sujeito à exploração do seu trabalho, desprovido do controle e da gestão do seu labor e que vem crescendo de maneira exponencial, desde que o capitalismo fez deslanchar a chamada era das mutações tecnológico-informacionais-digitais (ANTUNES, 2018, p.174).

Algumas características dos infoproletários são: alta intensidade no trabalho, pouca criatividade, pouca capacidade de controle e nenhuma estabilidade para o futuro. A instabilidade e a insegurança são traços constitutivos dessas novas modalidades de trabalho. Harvey (2004, p.258), também aponta elucidações sobre essa temática:

Para os trabalhadores, tudo isso implica uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho. A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição... possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior.

Nos dias de hoje, o profissional que tem habilidades em multiplataformas é o mais procurado pelas empresas, que exigem uma linguagem que se adapte às mais variadas plataformas visando atingir as metas consumistas, e com foco também na atuação em redes sociais e nos demais artefatos de navegação na Internet. A fala de Delze (2004) sintetiza essa fase de transição do jornalismo ao dizer que a convergência molda não apenas as práticas jornalísticas contemporâneas, mas a própria autoimagem dos jornalistas, que precisam construir uma nova identidade profissional, multimídia.

Cotta (2005) fala que a mídia tem enorme influência dentro da sociedade, de qualquer sociedade, principalmente no mundo contemporâneo, pela velocidade que a informação ganha, em função dos seguidos avanços tecnológicos. Mas somente completa o seu ciclo comunicacional quando retorna ao ponto de origem: é sempre o indivíduo quem determina o

sentido final à informação que virou notícia. Ou seja, dará a ela uma atenção inicial, para dimensionar depois o interesse da informação/notícia ou tratá-la como mera curiosidade.

No contexto atual, a audiência não só ressignifica as mensagens que recebe, nem atua apenas enviando conteúdos, por meio de vídeos, áudios, fotografias, ou sugestão de pauta para a mídia, ou seja, exerce uma relação no sentido de coprodução de notícias - onde a audiência ocupa cada vez mais espaço de intervenção para a democratização da informação (VIZEU & MESQUITA, 2011).

Com as redes sociais, a audiência passa a agir num diálogo onde manifesta seu interesse sobre assuntos que gostaria de ver enfocados na mídia e pressiona os veículos, quando entende que houve omissão de determinado assunto ou até mesmo uma cobertura inapropriada. Nessa possibilidade de interação com os veículos de massa possibilitada, por exemplo, por redes sociais como o Facebook e Twitter, essa audiência potente se manifesta de diferentes formas.

Os meios de comunicação e a audiência passam a se envolver mais intensamente, fazendo com que os produtores de conteúdos ajustem suas produções de acordo com os interesses desses consumidores de informação. Há ainda a expectativa de atores sociais que desejam não apenas a veiculação de seus discursos, como também, principalmente, sua legitimação por meio de sua incorporação aos próprios jornalistas.

Chaparro (2009, p.7) diz que:

Houve uma “revolução das fontes”, ou seja, homens e mulheres começam a deixar de serem “receptores passivos” para interferirem e participarem de uma forma mais efetiva no processo de produção de conteúdo para as mídias, onde, as fontes, antigamente passivas, se transformaram em instituições deliberadamente produtoras de conteúdos, por meio de fatos e falas noticiáveis.

Mesquita e Pereira Júnior (2014, p. 603) analisam a capacidade de ampliação da audiência ao falarem que:

Espaços essencialmente conversacionais, as redes sociais têm a possibilidade de ampliar as vozes da audiência. Portanto, ao usar a capacidade de amplificação, a audiência ressignifica o conteúdo, por meio de comentários, opiniões e novos olhares sobre o assunto, que é reverberado nas redes, oferecendo um extrato do que querem e do que pensam esses cidadãos que se envolvem com os meios de comunicação. A capacidade de amplificação pode constituir-se em uma expressão da inteligência e da consciência coletivas.

Dean (2009), dentro dessa discussão sobre audiência, discorre sobre o que ele defende como *capitalismo comunicativo*, onde os nossos engajamentos dispersos, fora de sincronia, aleatórios e sem um foco de discernimento e de enfrentamento claro ajudariam a construir uma nuvem de informação que reiteraria o funcionamento da internet sob o domínio das grandes empresas e não uma alternativa contra hegemônica à atual forma de dominação. A fusão entre democracia e capitalismo teria gerado uma situação que nos aprisionou dentro de um sistema no qual enviamos mensagens o tempo todo, mas que não trazem nenhuma consequência exceto reforçar o sistema, até mesmo auxiliando as empresas a montar perfis de vendas e publicidade extremamente direcionados a cada um de nós.

Indiretamente, a força que a audiência exerce está ligada ao financiamento do trabalho jornalístico, uma vez que a atenção do público pode ser vendida aos anunciantes e, portanto, “seu tamanho e sua composição são fatores importantes para os *gatekeepers* da mídia” (SHOEMAKER; VOS, 2009, p.114 *apud* FOTIOS, 2016, p.4).

Nesse sentido, uma das mudanças mais significativas deste processo está relacionada à participação do público na construção da notícia, mais especificamente, na seleção ou no estabelecimento de filtros do que é ou não relevante para ser noticiado, seja através da curadoria de *gatewatching* (BRUNS, 2005), onde o público da internet consome cada vez

mais notícias relacionadas às suas preferências e valores, e utiliza mecanismos participativos para indicar suas vontades à mídia, ou de uma versão atualizada da rotina de gatekeeping onde no jornalismo contemporâneo permite considerar a audiência da internet um dos canais de seleção de informações até sua circulação (SHOEMAKER; VOS, 2009). Trata-se, portanto, de uma nova abordagem da importância do público no êxito do resultado da produção jornalística:

O jornalista deve pensar se conseguirá atrair a atenção do público. Não só é necessário que o tema seja considerado importante ou interessante por parte do jornalista, mas também deve ficar em sintonia com o que o público possa vir a considerar também como importante ou interessante (ALSINA, 2009, p. 184).

A participação do cidadão produtor de notícias facilita o trabalho de apuração das informações do jornalista, uma vez que, há informação demais e tempo de menos, mantendo com este profissional uma relação colaborativa. Com esse tipo de participação popular, e a emissão de novos conteúdos por meio da interação de usuários uma multiplicidade de vezes passa a ser oportunizada.

4 MATERIAIS E MÉTODO: OS FIOS QUE LIGAM O ANALÓGICO AO DIGITAL

4.1 RELATOS QUE CONTAM

A metodologia adotada para esta proposta se dividiu em três momentos. O primeiro se constituiu na identificação de emissoras de televisão de Campina Grande que viveram a transição da tecnologia analógica para a digital, especificamente, delimitamos esta etapa a partir da chegada dos computadores e da internet nas redações jornalísticas. Através disso, identificamos a TV Paraíba e a TV Borborema como as emissoras que passaram por esse processo. Em seguida localizamos jornalistas que viveram a experiência da nova estrutura de trabalho a partir da chegada do computador. Contemplamos a transição ocorrida em ambas as empresas selecionadas na etapa anterior, buscando profissionais que viveram tal mudança, à época, em cada empresa. Por fim, utilizando a técnica da entrevista semiestruturada e em profundidade e, ainda, fazendo uso do método de história oral buscamos compreender, a partir da busca de informações, percepções e experiências, a forma como os jornalistas em questão viveram tal transição tecnológica, os desafios e as mudanças que representaram para o cotidiano profissional.

Para Alberti (2005), a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registros. Caracterizam por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, dando espaço aos sujeitos, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Para este trabalho, escolhemos a técnica da entrevista em profundidade que de acordo com Duarte (2005, p. 63):

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir de experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Por meio da entrevista em profundidade, é possível, por exemplo, entender como produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários,

explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações para uso de determinado serviço [...] é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.

Para este trabalho selecionamos cinco entrevistados que são jornalistas de formação com experiência em telejornalismo levando em consideração as informações levantadas nas empresas que passaram pelo processo de transição tecnológica (TV Paraíba e TV Borborema), são eles, por ordem de entrevista, respectivamente: Clarice Albuquerque, Anchieta Araújo, Rômulo Azevedo, Carlos Siqueira e Gilson Souto Maior.

As entrevistas foram realizadas em duas fases. A primeira, aconteceu entre os meses de outubro de 2017 e março de 2018. A segunda, no mês de outubro de 2019. Tal desmembramento em duas etapas de entrevistas ocorreu porque o presente trabalho é um desdobramento de uma pesquisa iniciada no ano de 2017 desenvolvida por meio do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), onde, na oportunidade, entrevistas semiestruturadas contendo nove perguntas foram realizadas com dez profissionais campinenses entre jornalistas e editores de imagens. Além dos cinco jornalistas que nos cederam novas entrevistas, estiveram inclusos nessa lista anterior os seguintes nomes: Paulo Arquilino de Oliveira, Helen Jennifer, Magdônia Alves, Bastos Farias e Jurani Clementino.

Estes cinco entrevistados foram selecionados para responderem o novo questionário por, além de se tratarem de profissionais com formação em Jornalismo, serem alguns dos jornalistas pioneiros do telejornalismo de Campina Grande, contribuindo significativamente com a nossa pesquisa.

O novo roteiro de entrevistas contendo seis perguntas foi aplicado, individualmente, aos cinco entrevistados. Cada entrevista foi gravada, realizada e conduzida de modo que fosse permitida a compreensão do passado, ainda recente, das mudanças ocasionadas pela chegada do computador nas redações e também levantando elucidações por parte desses profissionais a respeito da atual configuração da atuação do profissional jornalista. Após a coleta das entrevistas, o material foi integralmente transcrito visando uma análise ao que foi apurado. Os dados foram organizados com o intuito de confrontar a teoria levantada ao longo do trabalho com as vivências desses jornalistas, buscando assim atingir o nosso objetivo.

4.2 AGENTES DO TELEJORNALISMO: OLHARES E CONTRIBUIÇÕES

Os jornalistas entrevistados, em suas falas, revelam saudosismo pela época antes vivenciada nas redações, mas reforçam que as mudanças ocorridas facilitaram a rotina do jornalista no que se refere a produção de conteúdo. O diretor de jornalismo e apresentador da TV Itararé, Anchieta Araújo, falou sobre isso, em entrevista cedida a nossa equipe no dia 27 de outubro de 2017:

Quando eu comecei, tanto na TV, como no rádio não existia nada de internet, nem telefone celular, quer dizer, nada disso, então tudo era feito com telefone fixo, desde o contato com a fonte, levantamento de pauta, toda essa história, realmente tudo feito com telefone fixo. Carros de externa, reportagem, tinha um rádio de comunicação direto do carro com a redação. O rádio na redação e o rádio no carro para ter comunicação, não tinha outra forma. Então era muito diferente, agora depois do advento da internet tudo foi na verdade facilitado (ARAÚJO, 2017).

O jornalista Rômulo Azevedo também revelou um pouco da sua experiência com os avanços tecnológicos na redação antes mesmo da inserção do computador:

Quando chegou o fax foi uma novidade na redação, todo mundo parou, ficou olhando aquela coisa que vinha um papel que era impresso que vinha dos Estados Unidos, saía em Campina Grande (AZEVEDO, 2017).

Carlos Siqueira, atual chefe de redação da TV Paraíba, nos revelou que um dos fatos mais marcantes, antes das facilidades tecnológicas que temos atualmente, foi o uso do malote, meio pelo qual os arquivos de gravações eram enviados de uma parte a outra do estado tendo o ônibus como meio de transporte:

O que acontecia de factual, de fato que tinha que sair no mesmo dia, eu tinha que fazer entre 5 da manhã e 9 da manhã, porque eu estava muitas vezes em Cajazeiras, uma das últimas cidades do Sertão, lá no Alto Sertão do estado, e eu fazia de 5 às 9, por quê? Eu tinha que embarcar essas fitas às 9 horas da manhã com texto pronto, imagens captadas, passagem feita para chegar aqui em Campina Grande 05h30, 6 da tarde, o ônibus era pinga, pinga, saía Patos, Pombal, Soledade, para que o processo de edição fosse feito, se eu perdesse o ônibus de 9 horas aquela matéria não entrava mais naquele dia, porque nós não tínhamos internet, nós não tínhamos dados móveis, nós não tínhamos a agilidade que temos hoje (SIQUEIRA, 2017).

Já com relação às montagens de imagens, os processos de desenvolvimento de gravar som e vídeo, tiveram início em 1950. Inicialmente progressos de equipamentos que eram editados manualmente, que revolucionavam a época, preconizando o acabamento dos trabalhos produzidos. Com o passar das décadas, novos sistemas foram sendo desenvolvidos, com mais qualidade, compactos, melhor resolução, até chegar nos sistemas digitais, por volta de 1993. Helen Jennifer, ex-editora de imagens da TV Paraíba, rememora seu trabalho na fase da edição linear:

Naquela época quando a gente chegou, o sistema que nós usávamos era o U-Matic, era um sistema muito bom para a época, mas, com uns três anos, começou a dar muito problema, porque as imagens tinham uns riscadinhos, era toda ruidosa, por conta do desgaste natural das fitas, a gente usava fita cassete naquele tempo, só que mesmo assim, ainda passou muito tempo com esse sistema. A gente começou em 87 e só foi mudar para o Betacam, que era outro sistema de vídeo cassete, em 98. Passamos 11 anos usando o U-Matic. E em 98 eles mudaram para o Betacam, que era uma fitinha menor, uma fita mais compacta, então como a fita era mais fininha, não dava tanto problema. Foi de 98 a 2013 com o Betacam, foram 15 anos com edição linear. A edição linear, quem trabalhou, sabe que em termos de edição era complicado, porque você chegar com uma matéria de 11:00, com uma fita de 20 minutos, não é como hoje que você bota no computador e vê os quadrinhos com todas as imagens e já sabe mais ou menos o que quer (JENNIFER, 2017).

O relato da ex-editora de imagens da TV Paraíba nos mostra que a relação do profissional com a máquina passou por diferentes momentos ao longo do tempo, como bem já citado por Pavlik (2000) nesse trabalho, onde os processos tecnológicos foram evoluindo e assim aperfeiçoando o conteúdo final que chega até as residências dos telespectadores.

O que podemos perceber por meio das falas desses comunicadores é que, apesar de demorada, essas mudanças impactaram suas rotinas, uma vez que, diferente da geração atual onde as crianças já nascem inseridas nesse contexto tecnológico e não precisam passar por um período de adaptação a algo novo, os nossos entrevistados foram obrigados a aprender outra forma de fazer o que já dominavam totalmente para não correrem o risco de ficarem de fora da nova conjuntura técnica e de trabalho.

O jornalista Rômulo Azevedo em entrevista concedida para esse trabalho fala sobre a relação entre máquina e homem na atualidade:

Eu sempre acho que por trás da máquina tem alguém, tem um ser humano, uma pessoa que pensa, que cria. Dependendo de como essas máquinas estão sendo

utilizadas elas podem ser prejudiciais ou não. O problema não está na máquina, está no operador da máquina (AZEVEDO, 2019).

A fala da jornalista Clarice Albuquerque nos remete ao processo de *heteromação* (EKBIA, 2014) nas redações jornalísticas:

A máquina sozinha, isso é óbvio e claro, não funciona. A máquina para funcionar 100% precisa da mão do jornalista, precisa de um profissional capacitado. Nós precisamos demais de toda tecnologia para melhorar a qualidade do nosso trabalho, facilitar na apuração, e na produção de toda a reportagem, de todo o material jornalístico. Ninguém pode imaginar mais viver sem essas máquinas, viver sem as tecnologias. A gente lutou muito, ralamos bastante para poder alcançar esse avanço tecnológico, mas a máquina sozinha não é capaz de funcionar de jeito nenhum (ALBUQUERQUE, 2019).

Para lidar com tantas novidades, o jornalista precisa estar atualizado para conseguir acompanhar as novas rotinas. E as empresas, em tempos de crise financeira, visando o corte de gastos, impõem diversas mudanças nas relações de trabalho do jornalista, que influenciam, na diminuição dos contratos com registro em carteira, fomentando a terceirização dos contratos de trabalho por tempo determinado.

A jornalista Clarice Albuquerque opina sobre a questão dos contratos autônomos e temporários no jornalismo:

É interessante para a empresa porque não gera nenhum vínculo empregatício e não contribui no referente aos custos. Os custos são menores desta forma. É diferente a produção de alguém que já é membro daquela equipe, que já faz parte do corpo empresarial, que já entende as normas da empresa. Quem é terceirizado não está acostumado com aquele local, tem que passar por um processo de adaptação para poder gerar vínculo para, a partir daí, ter um resultado bacana, e isso requer tempo (ALBUQUERQUE, 2019).

E é justamente o tempo que dita as regras no jornalismo sendo, no mesmo instante, mocinho e vilão. A *gig economy* (uberização) surge em meio a essa reconfiguração da conjuntura comunicacional como uma opção a mais para que a empresa tente evitar maiores gastos, sem deixar lacunas na produção. Mas, a uberização, apesar de até certo ponto ser benéfica para as empresas, assim como para os jornalistas que tem nisso uma oportunidade de renda extra, apresenta seus riscos para as duas partes envolvidas. A empresa se arrisca por não dispor de tempo para treinar esse novo funcionário, e fica propensa a um trabalho não satisfatório, correndo o risco desse fato influenciar negativamente os números da audiência, bem como o jornalista que abre mão dos seus direitos enquanto profissional, perdendo qualquer tipo de segurança trabalhista. O jornalista Rômulo Azevedo diz que essa realidade se expande por todas as áreas de atuação:

Uma tendência, não só no jornalismo, mas do mercado de trabalho num todo, principalmente nesta área do jornalismo que é uma área muito frágil com a questão dos direitos trabalhistas e assim por diante. Tudo se resume na segurança do trabalhador. Acho que no futuro vai ser o seguinte... você vai ter um site, contrata um jornalista para fazer uma matéria, o paga, o dispensa, sem nenhum vínculo. Cada vez mais o freelancer vai estar presente nesse mercado. E isso acaba interferindo na qualidade do jornalismo porque fatalmente serão matérias encomendadas, e matérias encomendadas são matérias já pré-dirigidas, com algum objetivo, então isso, com certeza, vai interferir na qualidade do texto. Esse direcionamento de conteúdo é perigoso (AZEVEDO, 2019).

Em momentos de crise as empresas buscam se reestruturar, inclusive no seu espaço físico, para tentar continuar o trabalho mesmo com pouco investimento. Anchieta Araújo, já

citado anteriormente, na mesma entrevista revela detalhes sobre as mudanças no espaço físico da redação:

Hoje em dia na redação fica todo mundo ali, juntinho, dividido por uma mobília. Antes você tinha um birô para cada um, com um computador grande daqueles antigos, cada um tinha que ter um telefone fixo de lado, hoje em dia não existe mais isso. É um celular para a redação, um computador pequeno, e ali naquele computador você tem tudo, tem WhatsApp, Facebook, Twitter, E-mail, e ali você está com o mundo em suas mãos, em relação a isso é uma diferença muito grande, era uma limitação enorme se comparado com hoje. A gente, que viveu nas duas épocas, acho que não conseguiria mais fazer jornalismo hoje com aquela estrutura que tinha quando eu comecei (ARAÚJO, 2017).

Mudanças que não param por aí. As empresas de comunicação passam por adaptações com o intuito de economizar despesas, para isso é preciso mexer na logística das equipes, nas operações técnicas e conseqüentemente na rotina do jornalista. O jornalista Rômulo Azevedo, para falar de *reengenharia*, usa o exemplo de uma empresa de comunicação de Campina Grande:

A TV Paraíba, que antes tinha os telejornais locais (Globo Esporte e Bom Dia Paraíba), hoje se resume à segunda edição do JPB, por enquanto, e toda a produção é feita diretamente de João Pessoa, da TV Cabo Branco para Campina Grande e o resto do estado. Em Campina Grande a Tv Paraíba se resume a um prédio, meia dúzia de funcionários, e isso é uma tendência no mercado (AZEVEDO, 2019).

Carlos Siqueira, chefe de redação da TV Paraíba, confirma o que foi dito pela fonte anterior, e aponta algumas mudanças que ocorreram nos últimos tempos no tocante à equipe:

A equipe de UPJ - Unidade Portátil de Jornalismo que ia para a rua era composta por cinco profissionais: motorista, cinegrafista, repórter, operador de vt e iluminador. Com a modernização dos equipamentos essa equipe diminuiu para dois profissionais: o cinegrafista, que também desempenha a função de motorista, e o repórter. Em outros países mais desenvolvidos o repórter já faz tudo sozinho. Os maquinários atuais já estão sendo fabricados para que as empresas reduzam custos e possam se manter em pé (SIQUEIRA, 2019).

Com a redução do número de profissionais nas empresas de comunicação, cabe aos jornalistas ainda atuantes se desdobrarem para garantirem a permanência no emprego e conseguir dar conta da demanda de produção exigida, que por vezes, significa estender o horário de trabalho e exercer múltiplas funções sem ganhar nada a mais por isso. Realidade que influencia na qualidade do que está sendo produzido. A jornalista Clarice Albuquerque enfatiza essas questões em sua fala:

Normalmente o que se vê no final de expediente são faces cansadas, são mentes estressadas, são pessoas que não aguentam mais. A produção é normal no início do expediente, é fantástica, cem por cento, mentes brilhantes, descansadas... e com a rotina que é muito puxada, você não para. Se exige do profissional um pensamento acelerado para que ele possa se manter no mercado, porém, cansado essa qualidade cai, porque você perde a criatividade. É necessário rever carga horária, rever hora de descanso, e acabar com essa história de uma esticadinha a mais na redação (ALBUQUERQUE, 2019).

A fala da jornalista reforça o conceito de *infoproletariado*, anteriormente discutido pela definição de Antunes (2018). O forte relato de Clarice Albuquerque é um recorte do que inúmeros jornalistas enfrentam diariamente nas redações, e conseqüentemente, nas suas próprias casas, uma vez que são obrigados a levarem serviços para darem prosseguimento em suas residências. Ou seja, esses profissionais até conseguem executar a demanda designada,

mas em contrapartida passam a abrir mão das horas de descanso, pressionados a produzirem 24 horas do dia para manterem seus empregos.

Ainda dentro dessa discussão, alertamos para a qualidade do conteúdo que está sendo produzido pelo profissional infoproletário. A partir do momento que o jornalista passa a acumular as mais diversas funções, cai o desempenho desse profissional, e conseqüentemente a qualidade desse material por não receber a atenção necessária para atingir o padrão desejado. Na ânsia de fazer tudo dentro do menor tempo possível, o jornalista acaba deixando a desejar em termos de qualidade e ainda pode desenvolver danos a sua própria saúde. Mas, é importante frisar aqui que todas essas mudanças trouxeram muitos lados positivos, por exemplo, o surgimento de novas funções para o jornalista.

As transformações seguem impactando diretamente com o que move toda a produção jornalística: a audiência. A audiência (*gatewatching*) passa a se tornar uma parte da linha de produção a partir do momento que escolhe o que quer assistir nos telejornais e ao mesmo tempo pauta o jornalista (*gatekeeper*) para novas produções. O jornalista Carlos Siqueira durante entrevista cedida para a presente pesquisa fala da relação do jornalismo com a audiência:

A audiência sempre norteou o jornalismo. No instante em que a população tende para um tipo de abordagem, evidentemente que as empresas vão buscar essa abordagem. A audiência passa a ser um ponto da linha de produção no instante em que a sociedade direciona para um determinado segmento. Analisamos o que o povo gosta de ver (SIQUEIRA, 2019).

Gilson Souto Maior, outro entrevistado, é direto ao dizer que “se não tem audiência você está falando para ninguém. A audiência é uma resposta para o bom trabalho”. Aqui retomamos o conceito de *capitalismo comunicativo*, onde Dean (2009) alerta que o engajamento entre empresa de comunicação e audiência precisam estar sincronizados para que ambos os lados saiam satisfeitos. É preciso atenção da audiência para saber o que os veículos de comunicação estão transmitindo, e a empresa deve buscar atender o que os telespectadores querem assistir, nenhum lado pode sair perdendo.

5 CONSIDERAÇÕES: CAMINHOS PERCORRIDOS E VINDOUROS

As discussões aqui levantadas nos permitem perceber como o aparato tecnológico inserido ao conjunto de técnicas empregados para capturar e tratar a informação, promovem mudanças nas práticas profissionais dos jornalistas. Neste sentido, as relações de trabalho e a experiência profissional, vivem uma espécie de simbiose com as inovações tecnológicas, uma vez que esta última está atrelada ao processo de produção, a partir do momento em que tais tecnologias servem de ferramenta fundamental para a efetiva realização do produto jornalístico.

Um dos pontos importantes que devemos ressaltar é que o profissional que presenciou a chegada do computador na redação já sentiu um grande impacto pelo fato de não ter tido esse tipo de vivência dentro da faculdade de comunicação na época, uma vez que, as próprias instituições de ensino não contavam com modernos aparatos tecnológicos, forçando os jornalistas recém-formados a aprender a lidar com as novidades de forma prática, descobrindo o novo, aprendendo do zero.

O que podemos perceber do atual mercado profissional é que se exige um profissional multifacetado, que é capaz de exercer as mais diversas funções, sem receber nada a mais por isso, dominando as tecnologias e sobretudo, estando bem informado.

As novas rotinas produtivas também impactaram diretamente na audiência. Com o advento das redes sociais, a população passa a produzir seu próprio conteúdo, a mostrar sua realidade, seus problemas, reivindicar seus direitos, já que com um simples smartphone é

possível a publicação de textos, fotos e vídeos nessas plataformas, ou seja, os cidadãos se tornaram mais conscientes de que podem noticiar, não existindo uma exclusividade do jornalista para isso. Conseqüentemente o furo jornalístico passa a perder força por causa das facilidades em se noticiar. Nesse sentido, o comunicador precisa usufruir de novas técnicas, acatar os anseios do público, se aproximar dos telespectadores e caminhar junto deles em nome da notícia, assim popularizando a figura do jornalista para que a audiência seja mantida e que aquele fato já conhecido pela massa ainda consiga ter a repercussão desejada. Essas mudanças nas atividades até então tradicionais para os jornalistas não podem banalizar a profissão.

Observamos que a tecnologia digital contribuiu para que a informação fosse processada, em alto grau de exatidão e na facilidade de armazenamento e recuperação de informações, reduzido os gastos de produção dos veículos. Outra grande transformação ocorrida no trabalho do jornalista é “a velocidade da informação”, sendo a grande responsável pela dificuldade de profundidade nas matérias jornalísticas, o que as tornam mais superficiais e descontextualizadas.

Nesse novo contexto, os jornalistas se submetem, muitas vezes, a condições de precarização de trabalho, em busca de cumprir a demanda exigida pela empresa, o que pode levar ao desgaste físico e emocional, além da queda na qualidade do conteúdo que está sendo produzido. O fato das tecnologias darem dinamicidade ao trabalho corrobora com a pressão em produzir mais em menos tempo, ou seja, sérias implicações reais sobre a vida do trabalhador da notícia.

O que se pode chamar de contradição tecnológica parece ser causa de sofrimento entre os jornalistas. A versatilidade na rotina de trabalho, que seria um dos benefícios do avanço tecnológico, é reivindicada. O ritmo incessante da redação é mais culpa da gestão da tecnologia, que do próprio investimento em softwares. A tecnologia não faz as pessoas trabalharem menos atualmente, o que percebemos é que o trabalho cada vez aumenta mais pelo fato da facilidade que temos em acessar todos os tipos de assuntos.

A partir de tais constatações, reconhecemos que o jornalista da atualidade, precisa se manter em uma permanente reciclagem se quiser continuar atuante no mercado de trabalho. Reforça-se aqui, a figura de um profissional multifacetado, capaz de executar com aptidão as mais diversas funções, desde a elaboração de pautas, até a edição e finalização de vídeos, passando a exercer um sistema de rotatividade de tarefas. Isso, talvez, graças a escassez de oportunidades no mercado, onde o receio de ficar desempregado, devido às incertezas sobre o futuro do telejornalismo, colabora para essa sobrecarga de funções. Outro ponto a ser destacado, é que o jornalista contemporâneo precisa estar ainda mais atento aos critérios exigidos pelo público, a audiência dita a regra, desse modo, derrubando as barreiras outrora existentes entre público e comunicador.

Sobre o futuro a chamada flexibilidade acaba por transferir aos trabalhadores o peso das incertezas do mercado, devido a mão de obra maleável, seja em termos de horário, de jornada de trabalho ou de um vínculo empregatício, esses profissionais não conseguem planejar suas vidas em termos econômicos.

Dessa maneira, os estudos voltados para a reestruturação produtiva no jornalismo e as implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional apontam caminhos favoráveis para a área jornalística, que segue sob a regência da revolução tecnológica, quando se refere a modernidade dos equipamentos, facilidades nas transmissões, surgimento de novas funções e velocidade na apuração da notícia. Estamos falando de uma evolução que, concomitantemente, encurta e multiplica o tempo, reduzindo distâncias e fornecendo em grande número novas ferramentas para impulsionar cada vez mais essas mudanças históricas. No entanto, é imprescindível atenção no que se refere as condições do trabalho e os direitos

desses profissionais. É preocupante que o único limite à intensificação do trabalho seja o adoecimento.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALSINA, M.R. **A construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ALBUQUERQUE, Clarisse. **Clarisse Albuquerque**: Depoimento. [mar. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

ALBUQUERQUE, Clarisse. **Clarisse Albuquerque**: Depoimento. [out. 2019]. Entrevistador: Mateus Bezerra Araújo. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso Rotinas produtivas no telejornalismo pós-industrial: Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense.

ALVES, Jorge; ASSIS, Renato Silva de. Processos de terceirização e suas consequências no Brasil: alguns elementos históricos recentes. In: FARIAS, Givanildo Gonçalves de; LUNA, Jucelino Pereira (Org.). **Terceirização e sindicalização**. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 40-47.

ALVES, Magdônia. **Magdônia Alves**: Depoimento. [fev. 2018]. Entrevistador: Mateus Bezerra Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, Anchieta. **Anchieta Araújo**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

ARAÚJO, Anchieta. **Anchieta Araújo**: Depoimento. [out. 2019]. Entrevistador: Mateus Bezerra Araújo. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso Rotinas produtivas no telejornalismo pós-industrial: Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense.

AZEVEDO, Rômulo. **Rômulo Azevedo**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

AZEVEDO, Rômulo. **Rômulo Azevedo**: Depoimento. [out. 2019]. Entrevistador: Mateus Bezerra Araújo. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso Rotinas produtivas no telejornalismo pós-industrial: Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense.

BALDESSAR, Maria José. Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas. In: INTERCOM, 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UNIDERP, UCDB e UFMS, 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2BALDESSAR.PDF>. Acesso em: 20 out. 2019.

BATISTA JÚNIOR, F.A. **Gig economy e contrato de emprego**: aplicabilidade da legislação trabalhista aos vínculos de trabalho da nova economia. São Paulo: LTr, 2019.

BRUNS, A. Gatewatching, not gatekeeping: Collaborative online news. In: **Media International Australia Incorporating Culture and Policy: quarterly journal of media research and resources**, 2003, 107, p. 31-44.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COTTA, Pery. **Jornalismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

CHAPARRO, M. **Jornalismo**: linguagem e espaço público dos conflitos da atualidade. São Paulo: Inédito, 2009.

CLEMENTINO, Jurani. **Jurani Clementino**: Depoimento. [mar. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

DEAN, Jodi. **Communicative capitalism**: circulation and the foreclosure of politics. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/240798916_Communicative_Capitalism_Circulation_and_the_Foreclosure_of_Politics>. Acesso em: 04 nov. 2019.

DEUZE, Mark. What is multimedia journalism?, In **Journalism Studies**, 5:2, 139-152, 2004. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670042000211131?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 16 out. 2019.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-75.

EKBIA, Hamid. **Heteromation and its (dis) contentes**: The invisible division of labor between humans and machines. 2014. Disponível em: <<https://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/5331/4090>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

FARIAS, Bastos. **Bastos Farias**: Depoimento. [fev. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018.

Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia; reestruturação produtiva sob o capitalismo global**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Originalmente apresentada como tese de doutorado.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

JENNIFER, Helen. **Helen Jennifer**: Depoimento. [dez. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

MAIOR, Gilson Souto. **História na Televisão da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2017.

MAIOR, Gilson Souto. **Gilson Souto Maior**: Depoimento. [mar. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

MAIOR, Gilson Souto. **Gilson Souto Maior**: Depoimento. [out. 2019]. Entrevistador: Mateus Bezerra Araújo. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso Rotinas produtivas no telejornalismo pós-industrial: Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: UNESP, 2006. (Coleção Paradidáticos)

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda; jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MESQUITA, Giovana Borges; PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico. A audiência potente e as novas relações no jornalismo. *In Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol. 11. Nº 2. Julho a dezembro de 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/1984-6924.2014v11n2p596/28242>>. Acesso em: 10 out. 2019.

PAVLIK, John. **The impact of technology on journalism**. USA, 2000.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. **Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (Coleção passo-a-passo).

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter; consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SHOEMAKER, P.J.; VOS, T.P. **Teoria do Gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, Rafael Pereira da. **A influência tecnológica sobre a prática jornalística**. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro->

2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica>. Acesso em 05 out. 2019.

SIQUEIRA, Carlos. **Carlos Siqueira**: Depoimento. [nov. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

SIQUEIRA, Carlos. **Carlos Siqueira**: Depoimento. [out. 2019]. Entrevistador: Mateus Bezerra Araújo. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso Rotinas produtivas no telejornalismo pós-industrial: Tecnologias e dinâmicas no contexto campinense.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

RESENDE, A. **Referência na tecnologia, Campina Grande teve 1º computador do Norte e Nordeste do Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/10/11/referencia-na-tecnologia-campina-grande-teve-1o-computador-do-norte-e-nordeste-do-brasil.ghtml>>. Acesso em 20 out. 2019.

PEREIRA, L. A. **Os primórdios da informatização no Brasil**: o “período paulista” visto pela ótica da imprensa .2014. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/his/v33n2/0101-9074-his-33-02-00408.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. BOOC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/vizeu-alfredodecidindo-noticia-tese.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2010.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ENTREVISTADOS DURANTE A COTA 2017/2018 DO PIBIC

EIXO 1:

A parte inicial da entrevista consiste em se inteirar do contexto no qual as redações não contavam com a tecnologia presente na atualidade.

- Como era a sua rotina jornalística anterior a essa modernidade e, o que mais te marcou naquela época?

EIXO 2:

Nessa parte da entrevista, o foco é na transição do analógico para o digital e, as implicações causadas por essas importantes mudanças.

- Como foi a chegada da internet na redação jornalística e, como se deu o seu processo de adaptação?
- O que mudou na estrutura física da redação com o avanço tecnológico?

EIXO 3:

A tecnologia reestruturou as rotinas produtivas e o perfil profissional dos jornalistas. É necessário saber como anda esse processo de modernização e as consequências disso no nosso meio.

- O mercado jornalístico pede qual tipo de profissional atualmente?
- Hoje em dia, em grande parte dos casos, o jornalista precisa ter domínio sobre mais de uma função, ou seja, muitas vezes atua como repórter, cinegrafista, editor... Entre outras atividades. O que esse jornalista multifuncional tem a perder e a ganhar?
- Você se sente, ou já se sentiu pressionado a se integrar às novas tecnologias devido a esse novo perfil profissional existente?
- A forma de se noticiar sofreu alterações?
- A facilidade adquirida com a tecnologia trouxe para o jornalista uma carga maior de pressão relacionada aos resultados a serem obtidos?
- O que podemos esperar do jornalismo do amanhã?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 2

- Você acha que é uma tendência os contratos autônomos e temporários no jornalismo? Isso interfere a qualidade do jornalismo?
 - Você acredita que a terceirização do trabalho já tinge ou vai atingir o jornalismo?
 - Quais as estratégias que as empresas podem usar para reduzir custo?
- As máquinas facilitaram a rotina dos jornalistas, inclusive, enxugando as redações.
- Você acha que na relação entre jornalista e máquina quem é mais forte?
 - A rotina acelerada do jornalismo interfere na qualidade do produto? O que fazer para resolver esse dilema?
 - As tecnologias favoreceram para que o profissional esteja 100% do tempo em serviço? Quais os pontos positivos e negativos dessa relação?
 - Qual a função da audiência para o jornalismo de hoje? Nesse caso, esta mesma audiência não seria um ponto da linha de produção?

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui foi longo e nem tão tranquilo, mas os obstáculos encontrados foram essenciais não só para me tornar um profissional, como para me transformar em um ser humano mais forte, e não menos sensível. Agradeço, primeiramente, ao meu Grande Deus que me sustentou nos momentos que pensei em desistir, e por aos pouquinhos cicatrizar as feridas, resquícios da minha trajetória. Sem Ele eu não teria conseguido chegar até aqui. Agradeço aos meus pais José Roberto Alves Araújo e Margarete Bezerra do Vale por desde sempre estarem ao meu lado, por serem meus fãs incondicionais, por chorarem comigo, de tristeza e de alegria, por vibrarem em cada uma das minhas pequenas grandes vitórias. À minha avó Dona Maria do Carmo por suas incansáveis orações, tenho certeza que sua fé me protegeu e me livrou de diversos males. Gratidão que estendo a boa parte dos meus familiares. À Verônica Oliveira, orientadora do presente trabalho, amiga, e uma verdadeira mãe que a UEPB me deu e que levo para toda a vida. A responsável por me fazer evoluir dentro da academia, por segurar na minha mão e acreditar no meu potencial. Agradecimento que estendo aos inúmeros mestres que me capacitaram, não só em sala de aula, bem como nas empresas por onde tive a oportunidade de exercer a prática jornalística. Agradeço aos meus amigos, os que tenho desde a infância, os que Deus colocou no meu caminho ao longo da minha vida, e principalmente aos que a universidade me apresentou, são muitos que guardo no coração e que para sempre serei honrado pela parceria firmada nos últimos anos. Encerro agradecendo às inúmeras Marias e Josés que me permitiram contar suas histórias através de textos, vídeos e fotos. Pessoas e histórias que me permitiram olhar para as situações da vida de forma mais humanizada onde sempre procurei tirar uma lição e aprender um pouco mais sobre empatia. Gratidão a cada olhar, sorriso e abraço recebido ao longo dos últimos cinco anos de graduação.

Grato ao Jornalismo por tudo que me proporcionou!